



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Transformação inesquecível

Mudando de pele é o outro espetáculo assinado pela diretora Yara de Novaes, presente no Porto Alegre em Cena de 2026, a partir do texto da jovem dramaturga britânica, de origem africana, Amanda Wilkin: na verdade, a tradução de Diego Teza não é exatamente uma tradução, e sim, uma transmediação, contando para tanto com a dramaturgista Nathalia Cruz, que resultou extraordinariamente bem. O texto foi descoberto pela atriz Taís Araújo, que vive a personagem-título, Mayah, uma relativamente jovem mulher resistente a todas as regras mas que, ao mesmo tempo, se revela extremamente insegura.

É a jornada desta personagem que o espetáculo de cerca de hora e meia acompanha, num trabalho que teve a criativa, sensível e inteligente intervenção da direção, trazendo para seu interior as musicistas Dani Nega e Layla, que participam, simultaneamente, enquanto trilha sonora da narrativa e também como comentaristas e coadjuvantes da personagem, em várias das suas ações - aliás, ambas extraordinárias e que valorizam, dinamicamente, a linha da direção do trabalho.

O enredo segue a jornada de descobrimento e autoconsciência da Mayah, que reparte seu espaço com uma militante nonagenária jamaicana, Mildred, que gradualmente se torna mentora da personagem, em contraponto com a jovem colega Kemi, que, ao invés de se atormentar e refletir angustiadamente sobre seus atos, simplesmente decide e faz, do mesmo modo que a velha já fez - ou seja, o desafio de Mayah é parar de pensar e se decidir por fazer. Isso é o que está implicitamente colocado no texto - ao menos no texto do espetáculo brasileiro, tal como o temos aqui: entre o passado do que Mildred já realizou e o presente improvisado de Kemi, Mayah deve escolher por uma ação consciente e revolucionária, ao menos para ela, porque a revelará para si mesma. Daí que a encenação é um rito de passagem: à medida em que Mayah se desfaz das roupas artificiais e chega quase à pele, na cor do *colant* com que se encerra o espetáculo, vai encontrando sua essência. A cenografia

de André Cortez ajuda muito em todo este movimento que é, de um lado, íntimo, mas também um movimento que ocorre em cena, um espaço que não traz um cenário tradicional, mas apresenta lugares que vão sendo gradualmente enfrentados e transformados pela personagem.

Vencedor do Verity Bargate Award de 2020, estreando em 2021 no Soho, o título original da peça alude à queda dos pelos, neste caso, à queda da pele. De fato, Mayah vai se distanciando das aparências para encontrar a essência: a referência de Mildred é central, mas a decisão de Kemi também tem forte peso sobre ela. Neste sentido, Mayah reúne as qualidades de ambas as mulheres e as introjeta, incorporando uma outra figura: ela mesma. *Mudando de pele* (tradução literal de *Shedding a skin*) é também a metáfora de um momento que todos vivemos: a necessidade de tomar decisões entre situações e experiências variadas

para chegarmos à definição de nós mesmos.

Taís Araújo é - mas está - especialmente soberba nesta interpretação, sobretudo porque se coloca com simplicidade e naturalidade. Suas falas são tão profundamente sinceras e verdadeiras que não parecem advir do trabalho de uma atriz

que deve decorar o texto para depois repeti-lo (o termo inglês "repetition" para ensaio bem indica o que precisa ser feito). O célebre diretor do Teatro de Moscou sempre insistiu em que a intérprete precisa encontrar correspondências entre o que sente a personagem e a experiência dela, atriz, para transformar isso tudo numa ação naturalmente realista, quer dizer, sincera. Taís Araújo evidencia isso à saciedade. Por isso, o espetáculo, que começa com uma narrativa auto-rememorativa semelhante a um cantochão, vai ganhando ritmo crescente. Amanda Wilkin mostra, não apenas ser uma excelente observadora de seu entorno, quanto saber transformar esta observação em palavras que guiem a ação dramática. A cena final é apoteótica, mesmo sem ser épica: é a vitória da personagem sobre seus medos, é a afirmação da personagem enquanto ser humano, é uma transformação inesquecível.

Mudando de Pele é a metáfora de algo que todos vivemos: a necessidade de tomar decisões para definir a nós mesmos



Segundo ex-beatle, Linda McCartney e filhos foram fundamentais para superar o fim da banda

Paul McCartney relembra colapso mental após fim dos Beatles

Paul McCartney, 84, comparou o fim dos Beatles a ser demitido do único emprego que teve na vida. O cantor relembrou o período difícil após a separação da banda, em 1970, e contou que passou a beber enquanto tentava descobrir como seguir a carreira sem John Lennon, George Harrison e Ringo Starr.

"O que você faz depois dos Beatles? Os Beatles terminaram, esse foi o único trabalho que você teve e, então, você não o tem mais. É como se tivesse sido demitido", disse. A declaração foi dada em uma conversa com o diretor Judd Apatow após uma exibição especial do documentário *Paul McCartney: Man on the Run*, em Los Angeles.

Ao ouvir que aquele período parecia uma espécie de colapso mental, McCartney concordou. "Eu comecei a beber. Estava sozinho na Escócia, com uma pequena família recém-formada. Ninguém ia me compreender por beber demais", afirmou. "Foi muito divertido até deixar de ser."

O ex-Beatle contou que os filhos e Linda McCartney, com quem foi casado

até a morte dela, em 1998, tiveram papel importante para que ele deixasse aquela fase para trás. Foi também ao lado da mulher que o músico começou a construir um novo caminho profissional e, em 1971, formou a banda Wings, que ficou em atividade até 1981.

A ideia de começar outro grupo musical, porém, trouxe um dilema. McCartney não queria simplesmente repetir o trabalho que havia feito com os Beatles e, no início, se recusava até a incluir músicas do antigo grupo em seus shows. "Ficar sozinho foi muito assustador, porque eu sempre tive a união do grupo. Mas aí eu tive que descobrir como faria isso e tornar diferente."

McCartney também falou sobre as desavenças com John Lennon após a separação da banda. Apesar das críticas públicas e das provocações que trocaram na época, afirmou que o carinho pelo antigo parceiro nunca mudou. "Eu amava John, amo até hoje e sempre vou amar. Não importava, como não importou, o que ele dissesse ou fizesse, porque eu o conhecia desde os 15 anos", afirmou.

CCMQ recebe mural cinético inspirado em Mario Quintana

A Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) recebe, nesta sexta-feira, às 11h, a apresentação da obra *Eu, Passarinho*, pintura cinética de Claudio Ramires instalada no Jardim Lutzenberger, no 5º andar do prédio, com entrada gratuita. A instalação, formada por 60 perfis de alumínio com 120 faces pintadas, muda de imagem conforme o espectador se movimenta, revelando o poeta Mario Quintana e, em seguida, um sabiá-laranjeira. A obra também conta com um recurso interativo batizado de Poesia

Aumentada, que, via QR Code, dá acesso a uma seleção de 120 poemas do escritor. A viabilização é do Banrisul, patrocinador da CCMQ.

A obra reúne 120 faces, uma para cada ano entre o nascimento de Quintana, em 1906, e 2026, quando completaria 120 anos, e exigiu mais de um ano de dedicação do artista, com cálculos estruturais iniciados em novembro de 2025. Claudio Ramires já teve trabalhos exibidos em Hamburgo, Andorra e na sede da Unesco, em Paris.